

Entrevista com Maria Lygia Quartim de Moraes.

Entrevistadores IBEC¹

Apresentação | Aline Marcondes Miglioli

Na *décima primeira edição* da **Revista Fim do Mundo** trazemos como entrevistada a Prof. Dr. Maria Lygia Quartim de Moraes para conversar conosco sobre um tema que tem sido uma das frentes de batalha da importante guerra contra o capital: o movimento feminista.



Foto: *Café Filosófico* | CPFL Cultura, nov. 2008

A nossa entrevistada relembra momentos marcantes de sua trajetória e as circunstâncias que a levaram ao tema do feminismo e a colocaram em contato com grandes intelectuais feministas do Brasil e do mundo. Maria Lygia nasceu em São Paulo onde se formou em Ciências Sociais na USP entre 1963 e 1966. Sua pós-graduação foi fora do país, onde morou exilada durante uma parte do governo da Ditadura Militar. Fez pós-graduação na França e no Chile e em seu retorno ao Brasil concluiu seu doutorado na USP em 1982 com a tese “*Família e Feminismo: reflexões sobre papéis femininos na imprensa para mulheres*”.

¹ Entrevista realizada de forma virtual via aplicativo *Google Meeting* com a presença dos pesquisadores do IBEC: Zuleica Maciel Vicente (Campinas), Adilson Marques Gennari (Recife) e Aline Marcondes Miglioli (Campinas). Transcrição: Zuleica Maciel Vicente.



Tornou-se professora da Unicamp, em 1997, livre-docente e em 2004 titular pela mesma instituição. Atualmente é pesquisadora do Pagu - Núcleo de Estudos de Gênero da UNICAMP e do Grupo de Pesquisa "Teorias e militâncias feministas" do CNPq. Também presidiu a Comissão da Verdade e Memória "Octavio Ianni" da UNICAMP.

Maria Lygia é especialista em sociologia clássica e pesquisadora nas áreas de estudos sobre movimentos sociais, família e gênero, direitos humanos e memória política no período de 1964-82. Publicou livros, capítulos de livros e artigos no Brasil e no exterior. Nas últimas décadas, nossa entrevistada tem se dedicado a investigar as origens do pensamento feminista e os desafios enfrentados pelo feminismo, além de analisar a importância dos movimentos feministas na reconstrução da democracia nos países do Cone Sul. Entre suas principais contribuições, destacam-se seus textos sobre a interseção entre marxismo e feminismo, bem como seus esforços para promover o debate sobre os direitos das mulheres em espaços de esquerda. Essas contribuições são evidentes em suas publicações na revista *Margem Esquerda* e em outras revistas acadêmicas.

Com uma trajetória marcada pela dedicação à pesquisa e ao ensino e pela luta contra a ditadura, que permeou a história de sua própria família, Maria Lygia nos oferece nesta entrevista a lucidez e os argumentos que fazem com que ela continue a influenciar e inspirar novas gerações de estudiosos e militantes, desempenhando um papel significativo no campo da sociologia e dos estudos feministas.

Boa leitura!

|Adilson| Para começar, nos fale um pouco a respeito da sua história.

Vou começar pela minha família. Meu pai adorava dizer que era um livre pensador o que nos ajudou a ter uma visão crítica em relação ao catolicismo compulsório da época. Minha mãe era uma grande leitora, nossa casa tinha uma biblioteca com clássicos da literatura e muitos dos amigos de meus pais eram intelectuais. Além disso, meu irmão mais velho sempre gostou de ler e era presenteado com livros de aventuras, de História etc. Esse é um detalhe importante porque a educação de uma menina em meados de 1940 e anos 1950, era completamente diferente, menino podia



fazer umas coisas e menina outras. Na infância os livros eram menos genericados, e amávamos os personagens de Monteiro Lobato do Sítio do Picapau Amarelo. Já no começo da adolescência passei a ser presenteada com literatura própria para meninas, como uma coleção chamada “menina e moça”. Por outro lado, eu podia desfrutar da biblioteca de meu irmão, com os livros de aventuras do Júlio Verne; o Arsène Lupin do Maurice Leblanc; o Winnetou de Karl May. Eu adorava ler o Júlio Verne, eu adorava ler o Karl May, eu adorava ler as aventuras de um herói, aliás bem reacionário, chamado Pimpinela Escarlate. Mas eu também gostava de ler os romances de M. Delly (pseudônimo dos irmãos Petijean de la Rosiere), escritos no final do século XIX e começo do XX.

Nesse sentido, minha educação escapou dos cânones da época pela confluência do amor aos livros dos meus pais e o fato de ter acesso aos livros do meu irmão. Se eu fosse a mais velha, por exemplo, dificilmente, seria assim, a influência seria outra. A verdade é que meu irmão João é uma figura que exerceu sempre uma função importante de trazer, não só livros, mas questões e pessoas, que frequentavam nossa casa. A começar por alguns amigos de meus pais que eram intelectuais o que tornava minha casa frequentada por pessoas interessantes.

Os amigos de meu irmão também eram meus amigos. Nos meus 16 anos foi a fase do Jorge Mautner que nos transformou em personagens de seu livro *Deus da Chuva e da Morte*. Depois tivemos várias outras fases. E, finalmente, a fase da leitura do *Capital*. A partir de 1962 um grupo de estudantes de filosofia e ciências sociais da USP, criaram um grupo para a leitura de *O Capital* de Marx. E o local das reuniões era na casa dos meus pais, onde eu também morava.

A descoberta de Marx foi importantíssima. Isso por um lado. Por outro lado, a Simone Beauvoir esteve no Brasil, em 1960 e, por conta disso, a Difusão Europeia do Livro começou a publicar seus livros. O primeiro deles é um romance, mas também livro filosófico, tem o sugestivo título de *Todos os homens são mortais*. Nele, por meio de uma fábula de um cientista medieval que inventa e toma um elixir que lhe garante a imortalidade, nos damos conta de que é a mortalidade que dá sentido às nossas vidas. Depois foi a leitura do “Segundo Sexo” (Simone de Beauvoir), obra de referência do feminismo. Como comentou uma amiga antropóloga argentina, somos todas filhas de Simone.



Naquele momento eu já tinha uma certa formação sobre a luta de classes e a opressão da mulher. Queria ser independente, estudar, trabalhar e não me tornar uma dona de casa sustentada pelo marido, como foi o destino de grande parte de minhas colegas do Colégio Sacré-Coeur de Marie. Eu não sabia exatamente que curso seguir e em conversa com meu irmão, comentei "ah, eu não sei o que eu faço, eu gosto de economia, eu gosto sociologia, de filosofia... ". Ele sugeriu um curso novo, de Ciências Sociais, que era exatamente composto por um conjunto de disciplinas que me interessavam e foi assim que eu entrei na USP, em 1963. Eu namorava com Norberto, meu amigo de infância e ele entrou em Economia, também na USP. Naquele então, antes do ataque dos estudantes de direita da Universidade Mackenzie, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras ficava na rua Maria Antônia, e a Faculdade de Economia numa travessa da mesma rua. Nos casamos em março e ainda usufruímos de um ano de liberdade e antes da ditadura militar.

Bom, aí tem a questão da influência dos professores. Fui aluna do Fernando Henrique que não foi um bom professor; do Francisco Corrêa Weffort, que era um excelente professor e nos deu uma introdução de Marx. Outro excelente professor foi o historiador Fernando Novais. Ainda em 1963, Norberto e eu entramos para o Partido Comunista, assisti aulas de formação dadas no Centro de Cultura Popular e, como grande parte de minha geração, confiava que o país seguiria um caminho de avanços sociais.

Quando veio o golpe em 1964 nós ainda nos reunimos pensando em resistência, mas depois veio aquela decepção com o Partido Comunista. Acho que nossa geração foi muito especial, no sentido de que acreditávamos que poderíamos mudar o mundo e nos engajamos nessa mudança. Digo geração porque há muita similitude ao redor do mundo: maio de 1968 não foi um acontecimento exclusivamente francês. Do meu ponto de vista a importância do maio de 68 francês concerne a enorme adesão que mobilizou, inclusive de operários. Mas em outros países da Europa como a Alemanha, a Bélgica e a Itália também os jovens saíram às ruas. Nos Estados Unidos tivemos os movimentos contra a guerra do Vietnã, no México os estudantes foram massacrados pelas forças armadas que abriram fogo contra centenas de manifestantes na Praça da Três Culturas e até o conservador Japão conheceu protestos estudantis. A diferença é que o nosso 1968 era mais político, porque nós estávamos vivendo uma ditadura e porque acreditávamos na alternativa revolucionária. Afinal, havia o exemplo



da Revolução Chinesa em 1949, da Revolução Cubana em 1959, sem se falar dos movimentos de libertação na África.

A realidade se mostrou diferente, é verdade, mas poucos de nós renegamos nosso passado. Eu ainda assim acho que é mais difícil ser jovem hoje, porque a gente tinha ao menos a esperança e o ideal de mudar o mundo...

Cuba

Voltando à minha trajetória. Depois do AI 5, a repressão aumentou, meu marido foi preso e conseguiu fugir para Cuba. Quando isso aconteceu, ele era já assistente na Faculdade de Economia e havia ganhado uma bolsa para a França. Quer dizer, por um pouco não estaríamos a salvo na França. Acompanhada de minha filha Marta, fui também para em Cuba alguns meses depois. Ocorre que nossa chegada em Cuba, em julho de 1969, coincidiu com o aniversário de 10 anos da Revolução e com uma grande campanha de solidariedade em torno da meta de produção de uma safra de 10 milhões de toneladas de açúcar. Chegaram brigadas do mundo inteiro para ajudar a cortar a cana.

A experiência do Cuba foi incrível. Primeiro, eu sou muito grata ao povo cubano, pois ficamos quase um ano lá e sendo super bem tratadas. E segundo, foi um choque de realidade, porque percebi a importância dos movimentos sociais, porque você não faz revolução de cima para baixo. Ainda assim, havia um problema de machismo terrível em Cuba, por mais que leis foram feitas no sentido de maior paridade entre os gêneros. Por exemplo, se não houvesse a repartição de tarefas entre um casal, a mulher podia pedir o divórcio. Mas, na prática, ninguém pedia, porque os homens não faziam trabalho doméstico, eles se sentiam desqualificados. Enfim, há vários exemplos, se um comandante fosse "corneado" pela mulher, era melhor que ele pedisse demissão ou separasse. Aí que eu entendi o seguinte, você não muda a cabeça das pessoas por decreto. No caso cubano machismo se construiu muito por conta do mal estar causado pelo turismo sexual pois Cuba era também um bordel americano.

Mas a maior parte das experiências foi positiva e algumas bastante insólitas. Morávamos num hotel, o Habana Libre, que na verdade era um antigo Hilton. Vivi essa experiência de morar num hotel, que tinha um andar exclusivo para os revolucionários latino americanos, ao mesmo tempo em que os demais andares acolhiam estrangeiros principalmente do mundo



socialista mas também do mundo capitalista, técnicos que supriam a escassez de quadros provocada pela fuga das classes alta e parte das médias. Alguns franceses, outros espanhóis mas a maioria era constituída por búlgaros. E havia um andar, que era o décimo andar, onde ficavam os revolucionários latino americanos. Era muito engraçado, uma espécie de filme cômico, porque os venezuelanos passavam por colombianos, os uruguaios por argentinos e assim por diante. E nós, os brasileiros, passávamos por portugueses. Evidentemente que todo mundo do andar sabia dessas mudanças e as achava sem propósito.

Recordo que minha filha Marta tinha acabado de fazer cinco anos mas sabia evitar perguntas embaraçosas, aprendeu logo o espanhol e quando alguém fazia uma pergunta para ela em português a resposta era dada em espanhol. Mas uma noite, quando eu abria a porta do nosso quarto, e conversava em português com ela quando, Félix, uruguaio dos Tupamaros, que estava indo para seu quarto comenta: oh, então, brasileiras. Eu corrijo, não, portuguesas. Ele riu e brincou "Ótimo! Nós somos vizinhos", porque "eu sou espanhol" e me dei conta do ridículo da situação. Eu poderia contar não sei quantas histórias desse tipo. Durante algum tempo eu fui a única brasileira no hotel. Porque o resto dos brasileiros estava treinando e eu era a única exceção, com identidade falsa porque não pretendia viver em Cuba. Mas a partir de setembro, depois da morte de Marighella, mais dois casais chegaram.

Angela Davis

Um belo dia, ao descer para o restaurante, vejo uma cena que me deixou emocionada. Vi, no meio de seus companheiros, a revolucionária pela qual eu tinha – e continuo tendo - a maior admiração do mundo, que se chama Angela Davis. Você não imagina a força e a aura da Angela Davis. Ela estava com uma brigada de Black Panthers para solidarizar-se com Cuba e ajudar na safra de cana.

Se foi a Simone uma figura central pra mim para um lado, o exemplo que me deu a Angela Davis foi uma das coisas mais importantes na minha vida. E você sabe que ela está fazendo 80 anos, esse ano. O que eu acho fabuloso na Angela é que nunca deixou de ser comunista. Ela pertenceu ao PC americano até 1991 quando, depois do final da URSS, o partido foi se dissolvendo. Por duas vezes candidata como vice, na chapa do Partido Comunista para a presidência americana. E em 2014, ela deu uma



entrevista excelente para Cornell West em que ela fala, olha, eu não estou mais no partido, mas eu continuo sendo comunista. Uma coisa que me irrita um pouco, isso também se faz com a Lélia, é como certas feministas despolitizam a obra dessa vanguarda feminista socialista

O que se nota é um desconhecimento de obras essenciais e a adesão ao último modismo intelectual. Veja, qualquer marxista faz uma análise interseccional pois a realidade é síntese de múltiplas determinações. A Simone de Beauvoir já falava disso e não é novidade. Você pega, por exemplo, no caso da Lélia González, que eu conheci pessoalmente. A Lélia tinha uma formação marxista. Ela, como nós todos, quando queria escrever de estrutura falava pelo viés da economia, da desigualdade salarial. Vivíamos numa ditadura que mantinha o mito da “democracia racial” e que censurava qualquer referência às desigualdades sociais ou ao racismo. Trabalhei alguns anos no jornal *Movimento*, que tinha de passar pela censura em Brasília a cada edição. Muitos e muitas intelectuais hoje descontextualizam, esquecem em que circunstâncias aquele texto foi escrito. Mas se você olhar as coisas da Lélia, ela tem forte influência marxista. O que a Lélia tem de diferente em relação à Ângela é o fato de Ângela ter sido e continuar sendo comunista, mantendo uma mesma linha de preocupação, antirracista e anticapitalista.

Há uma coerência enorme na produção da Ângela Davis, desde seu primeiro livro, não traduzido no Brasil. Ele é de 1971 e é uma coletânea de cartas e de textos de presos negros, a maior parte deles presos políticos, contendo inclusive carta do James Baldwin para ela, quando era prisioneira com a condenação de pena de morte. Ângela sempre foi crítica ao sistema prisional, que é uma indústria nos Estados Unidos, além da questão evidentemente do racismo, que ela sentiu na carne.

Então, muitas vezes o uso que se faz dos textos de Ângela deixa de lado o fato dela ser uma combatente, comunista, marxista. Tudo o que ela escreveu tem a maior coerência. Nenhum momento ela abre mão de falar da questão do anticapitalismo. E mesmo tudo o que ela fala da questão do feminismo, ela tem muita preocupação em que não haja, como dizer, não se crie nenhum tipo de cisão dentro do movimento negro. Nosso movimento antirracista patina muito em torno da influência dos norte-americanos, que se autodenomina *black*. Aqui o movimento se autodefinia como movimento negro. Agora tem que ser movimento preto. Por quê? Por que tem que ser movimento preto? Porque os americanos usam assim? De repente surge uma urgência política e você tem que explicar por quê.



A palavra “negro” nos Estados Unidos tem uma conotação que aqui não tem. Quando a Lélia está falando, a Lélia González fala do movimento negro unificado. E agora a gente é obrigado a falar não mais negro, e sim, preto. Eu penso, bom, e por quê? Só quero entender. Então, é aquelas coisas que de repente surgem, como essa história, que eu acho uma baboseira, do lugar da fala. Claro, nós todos temos um lugar de fala e ele muda dependendo das circunstâncias e do tempo. Hoje, por exemplo, eu vivo a experiência do etarismo. Falo então a partir de uma experiência. Mas interditar uma pessoa se pronunciar sobre o machismo, o racismo, o preconceito sexual, etc. me parece um contrassenso! Nesse caso, Marx não devia poder falar e escrever, porque nunca trabalhou numa fábrica, como é que ele escreveria sobre os trabalhadores? Eu acho que isso gera uma despolitização, uma pretensa radicalização baseada num identitarismo vazio.

Vocês acham que o capitalismo não se aproveita do machismo e do racismo para seu proveito? Vocês acham que tem alguma chance de as coisas mudarem pra todos? Pra todos, não pra um, pra outro, sem que o capitalismo seja superado? Eu, realmente, acho que é impossível. Agora, como é que se supera o capitalismo? Esse aí é outro problema, cada vez mais complicado dada a extraordinária capacidade de autopreservação do capital, inclusive ideologicamente. Você vê hoje um desempregado dizer que é empreendedor. Você vê pobres votando na direita, sem se falar na expansão do neoliberalismo religioso, via evangélicos.

Depois da experiência cubana ficou claro pra mim o fato de que a emancipação é fruto da luta dos movimentos sociais. Se tiver partido, tudo ótimo, mas se não tiver um movimento social organizado que sustente as mudanças o risco de retrocesso é grande. O que temos hoje? Hoje temos Movimento Sem Terra, o Sem Teto, o Movimento Negro, o Movimento Feminista, vários movimentos. Cada um deles com suas bandeiras específicas mas, ao mesmo tempo, com questões que se entrecruzam. Sem as feministas o patriarcalismo continuará em pé, assim como sem os movimentos antiracistas o país continuará cego para o racismo estrutural e sem a luta anticapitalista a justiça social não avançará muito.

O combate contra o machismo e o racismo tem de ser feito dentro da própria esquerda. O Movimento Sem Terra originalmente sofria uma influência enorme da igreja católica, com papéis bem definidos para homens e mulheres. No entanto, as mulheres começaram a se revoltar, e isso resultou em uma paridade significativa em vários níveis. Se o movimento não cresce



enfrentando uma série de distorções, como podemos esperar que uma revolução aconteça e que a mudança real ocorra? O que aconteceu na União Soviética é um exemplo claro. Havia uma classe proletária avançada em Petersburgo, mas também uma massa de pessoas analfabetas e conservadoras na maior parte do país.

Vejamos então algumas questões relacionadas à dificuldade do “pular etapas”, assim como a cumplicidade da maior parte dos norte-americanos com as benesses trazidas pelo fato de pertencerem ao país mais poderoso do mundo. Por que os americanos, em sua maioria, não questionam o lugar que os Estados Unidos ocupam? Porque isso implica um privilégio para eles; eles têm uma cidadania privilegiada em termos internacionais. Seus passaportes valem mais, seu dinheiro também. Eles chegam falando inglês e nem imaginam que as pessoas não compreendam inglês. Da mesma forma, o machismo e o racismo estão tão impregnados na sociedade que foram normalizados. O machismo favorece aos homens em geral e o racismo aos brancos. A grande questão é quem vai apontar e dizer: “Isso é uma atitude machista” ou “Isso é racismo”.

Por isso acho importante tanto a questão dos partidos quanto a dos movimentos. Aqui, os movimentos muitas vezes extrapolam os partidos. Você pode ter um movimento com várias tendências e pessoas diferentes. Se não houver essa construção, por que os camponeses na França, por exemplo, resistem? Aqui, temos o Movimento Sem Terra. As mulheres reagem, especialmente as feministas negras, que são mais ativas. No entanto, o Movimento Negro ainda é tímido nas ruas. Outros movimentos sociais, como os operários, também têm sua importância. Dar conta disso é complicado. Fazemos o que podemos, da maneira que podemos. Você vê que me alonguei. Vamos voltar ao ponto principal, pois há muito a ser discutido.

|Aline| Vou pegar um gancho em uma parte da sua resposta, pode ser? Essa pergunta é para divagar mesmo, para que possamos explorar alguns pontos. A senhora mencionou Angela Davis, certo? Observamos frequentemente uma apropriação parcial da obra dela, muitas vezes ignorando as consequências políticas que ela também propõe. Isso é evidente nos autores que se apropriam de sua obra dessa maneira, e vemos que ainda existe na Academia Brasileira uma resistência aos acadêmicos marxistas. Então, gostaríamos de perguntar, com base na



sua experiência, como a senhora vê a situação do pesquisador marxista na academia hoje? Não estamos mais sob uma ditadura, mas também não temos um espaço adequado para expressar diretamente nossas interpretações.

Olha, particularmente na Unicamp, minha experiência não é essa que você mencionou. Tanto na Federal da Bahia, onde passei um ano há muito tempo, quanto nos nove anos que fiquei na Unesp de Araraquara, encontrei marxistas. Por exemplo, havia a Heleieth Safiotti, uma feminista radical que nunca abriu mão do marxismo. Apesar das divergências em relação a algumas de suas ideias, ela sempre manteve sua posição marxista. Na Unesp, nunca senti problemas por ser marxista; pelo contrário, havia professores como José Flávio Fávero que davam cursos sólidos sobre marxismo.

Quando entrei na Unicamp, encontrei colegas como Márcio Naves, um marxista dedicado. Havia divergências, claro. Colegas como Ricardo Antunes tinham interpretações diferentes do marxismo. Por exemplo, meu marxismo era muito influenciado pelo estruturalismo e Althusser, enquanto Ricardo Antunes tinha aversão a Althusser. No entanto, essas eram apenas diferenças de leitura, não de perseguição.

Minha experiência nas academias sempre foi mais de divergências de linhas teóricas do que de perseguição. É claro que houve uma grande operação ideológica global para desacreditar o socialismo e o marxismo, mas o marxismo continuou a se renovar. Na minha opinião, não há menos marxistas hoje do que antes. Faço parte do grupo da revista *Margem Esquerda*, onde há diversas linhas teóricas, mas todos estamos unidos contra o capitalismo e na luta de classes.

Minha preocupação feminista também é evidente. Escrevi um artigo sobre Pagu, encomendaram porque sabiam da minha pesquisa anterior. Falei sobre a Pagu comunista, sua experiência, encantamento e desilusão. Ela escreveu o primeiro romance operário brasileiro, de uma força incrível. Pagu nunca abandonou o campo da esquerda, assim como outros de sua geração. Em relação ao feminismo e marxismo, há mais resistência por causa da ignorância. Muitos não leram os textos fundamentais, e quando você menciona as origens de certas ideias, a percepção pode mudar.

[Adilson] Professora, vocês mencionaram a questão do marxismo entre as feministas, mas eu gostaria de perguntar: como é o feminismo entre



os marxistas? O que você pensa sobre isso, especialmente em relação aos homens marxistas?

Acredito que todos marxistas hoje têm essa preocupação, certo? Muitos incorporaram essa questão, como o próprio Ricardo Antunes, que aborda toda a questão da mulher operária e como isso se dá. Do ponto de vista teórico, a incorporação da questão da mulher não é complicada para os marxistas. Não foi Marx, mas Engels, que disse que a primeira forma de exploração foi a do homem sobre a mulher e os filhos. Então, acho que isso é bastante evidente.

Ademais, poucos homens com quem convivemos hoje acham que as mulheres sejam inferiores. A ideia de que as mulheres são menos inteligentes é difícil de sustentar nos dias de hoje. Agora, acho que o machismo, embora ainda presente, mudou muito. Posso te dizer como mudou. Primeiro, porque as mulheres não conseguiam falar. Tanto no Chile quanto na França, onde estava toda a esquerda reunida, lembro-me de uma reunião chamada Grupão, que tinha todas as tendências políticas. Havia duas ou três mulheres que falavam: Helena Hirata, Maryse Farhi (minha cunhada, que era economista) e eu, dependendo do assunto. A gente gaguejava para falar. Uma das razões pelas quais a experiência do feminismo francês foi tão importante para mim foi entender que as mulheres ficavam intimidadas perto dos homens. Não era separatismo; era uma forma de criar confiança e se desenvolver, tanto politicamente quanto intelectualmente, para não ficarmos intimidadas. Lembro que foi uma grande briga, não por divisionismo, mas porque éramos favoráveis a ter também um espaço para a organização feminina nas empresas e nos sindicatos.

O machismo que existia na esquerda era evidente. Ele se manifestava quando as mulheres eram relegadas a fazer cafezinho, entre outras coisas. Essa era minha crítica à forma como o Partido Comunista lidava com a questão feminina, aliás também com relação ao racismo. Prevalcia uma concepção obreirista. O mesmo pode ser dito do PT no tocante ao racismo. Razão pela qual Lélia González saiu do PT e entrou no PDT de Brizola, mais aberto a essa discussão.

Na *Margem Esquerda*, por exemplo, nossa amada Ivana, nossa chefe, não se foca muito na questão do feminismo. A questão do feminismo não é a principal para ela. Isso é evidente. Quantas mulheres há lá? Duas ou três, sem se dizer que o fato de serem mulheres não implica que sejam feministas. Acredito que há pessoas na esquerda que veem o feminismo



como uma forma de identitarismo, o que considero um grande equívoco. Tudo pode se tornar identitarismo, até a luta de classe, se for isolada. Se você começa a dizer "sou operário e só meu lugar de fala de operário importa", isso também vira identitarismo e deixa de ser uma luta revolucionária.

Quando pensamos nas mudanças, temos também de contabilizar a violência que as mulheres sofrem no Brasil e no mundo. Tem uma escritora comunista italiana, Dacia Marini, que escreveu há algum tempo: "Quando as mulheres estavam caladas, não era necessário matá-las, agora há que matá-las." De onde vem essa violência? Não foi o Bolsonaro que inventou; ele apenas a liberou, deu o status de "é isso mesmo, gente". Mas de onde vem essa violência?

Há 40 anos, ainda se podia falar da existência de uma família nuclear: papai, mamãe e filhos, onde o pai era o suporte financeiro exclusivo ou principal. Qual é a realidade hoje? Muitas mulheres, tanto na classe média quanto entre os pobres, têm mais garantias de emprego do que seus companheiros. O que você tem é uma quantidade cada vez maior de mulheres que são o suporte do lar. Segundo as estatísticas cerca de 50% das famílias são chefiadas por mulheres. Isso é, são as mulheres as principais provedoras, mesmo quando há uma presença masculina. Ademais, mais de 30% das famílias são compostas exclusivamente por mulheres e prole. A famosa família nuclear, papai, mamãe, heterossexual, não é mais a maioria. A quantidade de casais sem filhos, a queda do número de crianças, tudo isso revolucionou a realidade e o conceito de família.

Quando as mulheres não ficam quietas, quando não são tímidas, quando assumem uma certa sexualidade e saem, vão para bares, muitos homens ficam irritados e afrontados. Então, existe um ressentimento. Sinto o ressentimento masculino, especialmente nos homens mais velhos, contra as mulheres. Como também contra pobres e pretos. Você vê o tipo de agressão gratuita que um entregador, por exemplo, sofre. Essa agressão não é apenas homem contra mulher, mas também contra pobres, revelando um ressentimento masculino que se manifesta em várias formas de violência.

Outro ponto é quando as mulheres se reúnem é impressionante como rapidamente começam a compartilhar suas vidas. Criam uma conexão, falando sobre seus filhos, mães, etc. Entre homens, isso é impossível. Eles podem trabalhar juntos por anos e não têm essa acessibilidade emocional. Em contrapartida, quando muitos homens jovens se unem, mesmo aqueles



que normalmente não são agressivos, acabam adotando um comportamento machista e agressivo. Esse comportamento coletivo de violência sexual, como os estupros coletivos, virou uma certa normalidade.

A pressão das mulheres e dos movimentos que saem às ruas é fundamental. Veja aquele movimento no Chile, "El Estuprador Eres Tú". Em fevereiro de 2023 houve uma marcha de mulheres na Bélgica pela questão salarial, porque são as mulheres que estão nas funções de cuidados e são as mais mal pagas. Nos hospitais, por exemplo, quem cuida de você é a enfermeira, enquanto o médico ganha milhões pela operação.

Tudo que envolve manter a vida, como fazer comida e cuidar, faz parte da indústria do cuidado, uma das poucas coisas que não podem ser feitas por robôs. A empatia e a presença são fundamentais. Não se cria uma criança com um robô, pelo menos não ainda. Teria que haver grandes mudanças nos nossos genes e na nossa cultura.

Você tem toda a razão, houve uma grande mudança na estrutura familiar, impulsionada principalmente pelas mulheres. A Constituição de 1988 é um exemplo disso, com a importância das mulheres na Constituinte e as pressões que levaram à mudança no Estatuto da Família. A família deixou de ser "o homem é o chefe e a mulher sua auxiliar" para uma unidade de papéis iguais. Isso mudou tanto que, hoje, o critério jurídico de família muitas vezes é "a família é quem cuida". Isso significa que alguém de fora que cuidou de outro pode ser considerado família. Você concorda que tudo isso foi principalmente obra das mulheres? Sim, não é?

[Aline] Professora, pegando carona nesse tema, como a senhora avalia, por exemplo, aquele caso do juiz que negou o pedido do PSOL para a colocação de DIU numa moça de 31 anos, num hospital que diz que isso é contra as diretrizes religiosas do hospital. Como a gente entende essa questão?

O sistema judiciário brasileiro é um desastre. É um sistema classista e ao mesmo tempo, patrimonialista. Enfim, tem uma coisa assim. O pai é advogado, a filha é juíza, ou então, o pai é juiz, a filha é advogada. Há uns 20 anos participei de um curso na Escola da Magistratura e fiquei muito mal impressionada com a plateia, parecia uma coisa robótica na qual o tema dos direitos humanos não encontrava nenhuma ressonância. São jovens ambiciosos e carreiristas. Então, você pensa: essas são as pessoas que vão julgar? É isso, essas são as pessoas que julgam e o poder do juiz é enorme.



Eu tenho um processo, e olha que eu tenho todas as razões de prioridade, por conta da idade por exemplo, da idade. Sem se falar que ganhamos na primeira instância. Já se passaram 24 anos (pasmé) e ainda não tivemos a decisão final. Um juiz ficou literalmente "sentado em cima" cerca de 10 anos. E isso continua até hoje. É por isso que digo que o sistema judiciário brasileiro, é o Sistema "injusticiário" brasileiro, é um sistema de classe tão evidente, mas tão evidente e cada vez mais reacionário, mais conservador. Até por conta que a influência das igrejas está se fazendo muito forte. Agora, por que a França é o país que mais resiste à questão religiosa, enquanto nos Estados Unidos é diferente? Nos Estados Unidos, a ideia é que o Estado é, opressor, então as pessoas se organizam através de pastores e grupos religiosos.

Na França, que tem um estado de bem-estar e uma cultura laica, isso não acontece da mesma forma. Eles resistem mais e se organizam de outra maneira. No Brasil, a realidade é outra, uma amiga feminista que era funcionária na Unicamp e morava numa zona pobre de Campinas comentou: "Não tem como, lá trabalhamos com as evangélicas, porque são esses grupos que dão apoio." Do lado, tem o tráfico, de outro lado, as milícias, e uma população esmagada, com um poder público inexistente ou opressor. Na Vila Madalena, por exemplo, tinha um ponto de venda de drogas onde a polícia parava apenas para pegar a fêria. Você via o carro policial lá. Nas prisões, ou você é da tropa do PCC e tem a proteção deles, ou pertence a um grupo religioso, geralmente evangélico. Se você não está em nenhum desses grupos, está desprotegido.

Então, quando você entende o contexto, vê como é complicado. Quem faz trabalho de base hoje em dia fora o PSOL? Quem?

|Adilson| A igreja do PCC. Tem uma questão que eu gostaria de fazer, mas estou tentando elaborar melhor porque é muito complexa para mim, já que não sou da área. Vou começar assim: ontem assisti a um filme, o título é "A Pior Pessoa do Mundo". Fiquei tão impactado que vou assistir novamente. O filme não está discutindo o feminismo, não é o objeto do filme, ninguém é feminista no filme, ninguém milita. Quero assistir de novo porque achei muito interessante e complexo. A protagonista encarna o que é ser uma mulher "livre" hoje, em comparação com as gerações passadas. Ela vive de maneira que toma suas próprias decisões, seja em relação à profissão ou aos



relacionamentos. Ela decide não ter filhos, o que é uma decisão extremamente importante no momento atual. Isso impacta os maridos dela. A tataravó teve 20 filhos, a avó 10, a mãe 2, e ela decide que não quer ter filhos. Isso era chocante para os maridos. Ela se casou umas três vezes no filme, e quando se cansava, ela ia embora. Ela tinha a liberdade de ir embora, e os homens a aceitavam. Isso é interessante. Professora, gostaria de saber como a senhora vê essa representação da mulher no filme. Essa ideia de liberdade de decisão e a rejeição de papéis tradicionais ressoam com o feminismo atual?

O que você está dizendo, em outras palavras, é que uma das vitórias do movimento feminista foi que hoje, sem você precisar militar em nenhuma organização, uma mulher tem condições de ter uma vida autônoma, porque trabalha, porque pode sair com amigas, viajar, se divertir e escolher com quem e por quanto tempo deseja manter uma relação. Nesse sentido, o filme reflete parte do feminismo atual mas a trajetória da personagem concerne mais ao próprio dilema existencial que é escolher. O interessante do filme é que por ser jovem, bonita e talentosa nem sempre facilita a questão da escolha. Sem se falar que é um filme norueguês.

|Adilson| Se você cruzar isso com o feminismo, o lugar, o país e a classe social, aí complica. Se você colocar essa questão numa mulher que viva na favela, por exemplo, não vai ser tão tranquilo como é no caso dessa menina da Suécia ou da Finlândia. Então, também tem essas mediações de lugar e de classe. Mas, de qualquer modo, houve uma grande transformação. O movimento feminista parece bastante vitorioso em muitas coisas, e em muito pouco tempo também. Professora, como a senhora avalia essas diferenças no impacto do feminismo dependendo do contexto de país e classe social? Por exemplo, a liberdade de decisão mostrada no filme norueguês pode não ser a mesma para uma mulher de uma favela no Brasil. Como essas mediações de lugar e classe influenciam o movimento feminista?

Não é possível falar de um feminismo genérico. Cada país tem suas especificidades. Na França foi uma feminista republicana mas não comunista, a Simone Veil, enquanto Ministra da Saúde facilitou o acesso a métodos contraceptivos e elaborou a lei de despenalização da interrupção voluntária da gravidez, que entraria em vigor a 17 de janeiro de 1975. Já nos Estado



Unidos, na mesma época, Angela Davis tinha dificuldade em se denominar feminista porque o feminismo branco burguês era dominante.

No Brasil o feminismo dos anos 1970, 1975 participava da frente anti ditadura. Era de esquerda e, ao menos teoricamente, anticapitalista. Auto denominar-se feminista era um ato de coragem. Meu grupo se chamava "Nós Mulheres" e se dizia feminista, enquanto o resto se definiam como grupos de mulheres. E as mulheres burguesa nunca foram feministas, apoiavam a ditadura e se reuniam na liga das senhoras católicas...

Hoje em dia, para mim, a questão não é o título, mas como a pessoa lida com a vida. Nas últimas décadas houve um rompimento com a relação de dependência dos jovens, onde os pais mandavam em tudo. Acho que houve várias mudanças, mas a das mulheres é a mais significativa. Em países mais conservadores, como o Japão, a quantidade de mulheres que não querem casar nem ter filhos é enorme. O casamento lá implica servidão ao homem. Eles estão enfrentando problemas de natalidade. Mesmo na China, após a liberação da política do filho único, muitas pessoas não querem ter filhos devido à sobrecarga financeira e social.

Na Finlândia e na Suécia, por exemplo, há mais apoio para as mulheres. Houve uma época em que a mulher grávida tinha um apoio financeiro considerável, o que aliviava o peso financeiro da maternidade. Não sei como está isso agora, mas houve uma época em que funcionava bem. As mulheres se organizavam e, se necessário, faziam greves, dizendo "Tá bom, então não fazemos mais nada, não temos mais filhos, pronto."

[Adilson] Incrível! Isso pressiona a sociedade por mudança. Eu vejo, por exemplo, minha filha é professora, tem mestrado e teve um filho enquanto o marido fazia doutorado. E aí, claramente, a maior parte do cuidado com o filho recai sobre a mãe, mesmo num casal em que ambos são formados e têm uma visão crítica do mundo. Isso acontece mesmo em categorias, digamos assim, "mais esclarecidas". E muitas mulheres já pensam: "Não vou entrar nessa, já que tudo vai sobrar para mim, estou fora". Isso de certo modo força mudanças na sociedade.

Eu acho que ter um filho é um vínculo para o resto da vida, não é um vínculo fácil. Tem gente que ainda tem filhos para preencher algum vazio e depois não aguenta. O número de pessoas que não consegue lidar com as responsabilidades parentais é grande. Essa mudança em relação a não ter



filhos é profunda, porque desafia a expectativa social de que todos devem ter filhos.

|Adilson| É a negação total do que é o que é pensado no patriarcado, o papel da mulher a reprodução. Ela fala: não quero ter filho, então e aí? Ai isso impacta de um modo radical.

Por que tantos alemães casavam com brasileiras? Portugueses também? Porque a mulher é mais carinhosa. Porque correspondem mais, em mais à imagem tradicional das mulheres. Em outras palavras, porque as brasileiras, em contraposição a imagem sexualizada vendida no exterior, são consideradas mais tradicionais.

389

|Aline| Posso aproveitar que estamos falando de filmes? Tenho assistido muitos filmes e séries onde a questão do feminismo aparece de maneira muito dúbia, especialmente em produções norte-americanas. Recentemente, vi um filme bobo na Netflix, mas com uma temática feminista. É sobre uma garota que descobre o feminismo e começa a fazer cartazes na escola. Um roteiro bem simples. A questão central do filme é a disputa entre diferentes tipos de feminismo. Por um lado, tem o feminismo "bacana" da protagonista, mas também há a feminista radical, exagerada, retratada de forma caricata como uma feminista marxista. Nós sabemos que o feminismo, ideologicamente, se arrasta para fora da luta anticapitalista. Há um reforço dessa ideologia hegemônica que afasta a pauta feminista do movimento anticapitalista. Como a senhora vê isso e qual é o papel das redes sociais e dessa produção cultural que diz às garotas: "Ah, você pode ser feminista no jeito de se vestir, nas pessoas com quem você se relaciona, mas nunca questionar por que você sofre essa opressão, por que está nessa posição?"

Olha, vou mencionar algo que me veio à mente, talvez tenha alguma relação com o que estamos discutindo. Quando você estava falando, lembrei de uma estatística que me surpreendeu muito. No Brasil, ao estudar o movimento operário, vemos a importância do movimento anarquista e dos operários. Tanto é que tivemos a Lei dos Estrangeiros, que expulsava espanhóis e italianos anarquistas que queriam se organizar.



Por outro lado, nos Estados Unidos, muitos imigrantes italianos se transformaram em mafiosos, tomando o movimento sindical e acabando com ele. É interessante notar que, para o Brasil, a maioria dos imigrantes veio do norte da Itália, enquanto para os Estados Unidos vieram do sul, da Calábria, Sicília, regiões mais rurais e influenciadas por estruturas mafiosas.

Veja que interessante: esses deslocamentos de italianos geraram resultados radicalmente diferentes nos dois países. Nos Estados Unidos, foram 4 milhões de imigrantes italianos, enquanto no Brasil, cerca de 1,5 milhão. Esses movimentos geraram consequências completamente distintas. Concorda comigo?

No Brasil, nosso feminismo sempre foi de esquerda, e digo isso porque faço parte dessa primeira leva. No meu caso e no das primeiras feministas, fomos muito influenciadas pelo feminismo francês, que também sempre foi de esquerda. Aqui, você não tem um feminismo liberal; a direita se diz antifeminista. Então, você pode ter algo talvez antimarxista, não sei exatamente de quem, mas a maioria dos grupos aqui são de esquerda. Que grupo de mulheres se diz feminista e não é de esquerda?

Nos Estados Unidos, o feminismo liberal é fortíssimo. É muito difícil ter uma unidade das mulheres lá desse ponto de vista. Agora, com a questão do aborto, há uma união. No Brasil, a única questão que traz unanimidade, incluindo o voto das evangélicas na bancada feminina, é a violência contra a mulher. O resto é discordância em tudo.

Aqui, não temos o mesmo embate porque a direita é antifeminista. Então, há a questão das divisões, mas entre direita e esquerda, o feminismo é predominantemente de esquerda. Como você mesma disse, o feminismo marxista é uma parte importante do movimento e tem crescido muito na última década. Esse ano participei da Conferência Internacional do Marxismo Feminista, realizada na USP, que durou uma semana e foi concorridíssima.

|Aline| Acho que antes não, mas por exemplo, dia 8 de março agora é uma data histórica pela história da apropriação desta luta pelo capitalismo.

Se você pegar a revista *Cláudia* dos anos 1968 – a revista de moda – você verá como apareciam os guerrilheiros de 1966, 1968 e quantidade de propagandas com mulheres como se fossem militarizadas. A capacidade do capitalismo de vender, de transformar tudo em mercadoria é inimaginável.



|Aline| Temos até as roupas com a cara do Che Guevera e da própria Frida Kahlo. Mas, então professora você acha que a gente pode pensar que no Brasil as ondas feministas elas não foram talvez tão demarcadas como nos Estados Unidos, por exemplo?

Eu acho que nosso feminismo tem pouco a ver com o feminismo americano, assim como nosso racismo tem pouco a ver com o racismo americano. Tem racismo aqui? Se tem! Mas nós não tivemos a segregação. Nos Estados Unidos, os negros são minorias, no máximo 15% da população mas 37% da população carcerária. Aqui, nós somos a maior parte da população sob o critério americano de que quem tem umas gotas de sangue negro é considerado negro. Então, há uma grande diferença.

As questões do feminismo americano e as dificuldades para formar uma frente unida não são iguais aqui. A influência americana veio pelo dinheiro, financiando projetos e influenciando a pauta. Nosso sistema acadêmico, de alguma maneira, reverencia as ideias americanas. Por exemplo, vou falar com a maior franqueza: acho a Judith Butler super bem intencionada, mas a teoria *queer* dela veio porque ela é homossexual e estava vivendo a negação da questão da AIDS, então começou a discutir a sexualidade. Ela mesma conta que foi convidada para uma reunião *queer* e perguntou o que era *queer*. As melhores partes da Butler não são os textos, nem ela falando, que é um pouco cansativo, mas as entrevistas dela, que são hilárias. A companheira dela é muito melhor em termos de produção acadêmica.

De repente, inventam a teoria *queer* da Butler, mas poucos estudam o conjunto da obra. O pessoal deixa passar porque ela fala sobre "os corpos que importam". Ela não está se referindo apenas às sexualidades ditas desviantes. Ela está se referindo aos milhares de corpos palestinos assassinados, dos corpos de imigrantes mortos nas travessias para a Europa. Apesar de judia foi uma das primeiras a denunciar a questão da Palestina, sendo boicotada pelo *lobby* sionista. Essa apropriação seletiva de autores é complexa, para não dizer intelectualmente desonesta.

Também tenho horror a essa ideia de ondas do feminismo. Eu gosto da ideia de Foucault de que a história tem rupturas. Nem sempre há continuidade; por exemplo, após 30 anos de ditadura, as coisas não são uma continuação direta. Alguns sobrevivem, mas 30 anos mudam muito. Minha geração, que era pequena, acabou sem uma continuidade clara. Hoje, há uma coisa muito mais atomizada, que acho melhor. Há inúmeras tendências,



mas não acho que sejam ondas. Como se mede onda? Por ano? Por questão?

[Aline] Enquanto militante feminista, atuando por muito tempo em coletivos feministas, sinto que esses debates que vêm de fora às vezes nos atrasam. Parece que eles vêm para confundir. Passamos tanto tempo tentando entender qual é a onda e em qual onda estamos, que a realidade da mulher brasileira fica em segundo plano. Então, ideologicamente, mesmo que não seja o objetivo, quando esse debate chega ao Brasil, ele nos captura um pouco.

392

A hegemonia ideológica dos americanos é muito forte, não tenha dúvida. Eles impõem termos e temas. Lembra daquela época em que havia um movimento recebendo dinheiro para combater o fundamentalismo? Adriana Piscitelli fez uma denúncia, dizendo: "Somos todas contra qualquer tipo de fundamentalismo". Estavam pensando nos árabes, mas aqui no Brasil não temos islamismo! Nosso fundamentalismo é o capitalismo e, em parte, os evangélicos. Aquela palavra de ordem era tão descabida.

A grande contribuição original de Lélia González foi justamente partir da nossa realidade. Lélia não se considerava negra até se casar com um espanhol que a fez perceber isso. Ela começou a trabalhar na psicanálise e um grupo de psicanalistas brasileiros ficou revoltado quando, em um evento no Brasil, incluíram o espanhol e o francês, mas não o português. Eles brincavam dizendo que aqui somos a "América", uma mistura de América Latina e África.

Lélia cunhou o termo "amefricanidade" e foi a primeira a falar sobre partir de nossa própria realidade. Ela leu Althusser e tinha a mesma formação teórica que muitos, mas criou uma perspectiva diferente, dizendo: "Vamos parar de falar como se fôssemos todos descendentes de europeus. Estamos no Brasil!" Um colega nosso, Laymert Garcia, uma figura incrível, sugeriu que fizéssemos algo sobre a América Latina e assim organizamos um seminário sobre o tema em 2001. Mas prevalecia a alienação sobre nossa própria identidade.

A primeira coisa é entender quem somos, afinal.

Se você vai aos Estados Unidos, no máximo é o que eles chamam de... a nossa classificação é complicada, porque não somos bem mexicanos, nem somos brancos. Não somos hispânicos, mas também não somos brancos. Quando fui para a África do Sul, visitei um museu maravilhoso que ilustrava



bem essa questão. Para relembrar o racismo colonial o museu mantinha entradas separadas (mas é claro que você poderia entrar por qualquer uma): uma para descendentes de ingleses e holandeses, outra para "os outros" e uma para os negros. Nós somos "os outros". Em cidades como Cabo, na África do Sul, apesar do poder estar nas mãos de um líder negro, a burguesia é toda branca. Quando você vai aos restaurantes, vê que são todos branquerrimos. Nós destoávamos. Havia um casal hindu e nós éramos... bem, não sei o que éramos. Aqui, no Brasil, achamos que somos brancos, mas lá fora não somos vistos assim.

Essa experiência de ter uma cidadania que não é a de um passaporte americano, que entra em qualquer lugar sem problemas, é reveladora. Ficamos em longas filas para entrar nos lugares, o que já nos dá uma ideia de que não somos tão privilegiados assim.

|Adilson| O Brasileiro é o *queer*, porque ele não se encaixa em nada. É o *queer*!

Você está trazendo a sociologia *queer* da perspectiva do brasileiro, não apenas da questão sexual, mas da identidade nacional. O brasileiro é uma identidade complexa. Ele não é simplesmente uma coisa ou outra, e essa ambiguidade é verdadeira. Acho que boa parte dessa questão do ressentimento vem daí. Quando um homem não é mais o suporte, não é o machão, ele se pergunta: "O que eu sou?" Ele tenta se afirmar através da violência, tentando ser macho, mas sem ser o "macho do pedaço". As manifestações gratuitas de violência são assustadoras, mostram um ressentimento e uma raiva acumulada que são assustadoras.

Isso é o que chamam de *backlash*. Está havendo uma reação violenta contra a emancipação da mulher, contra o feminismo, e não é só no Brasil. O grau de violência contra a mulher aumentou significativamente, o feminicídio é uma realidade. Isso tudo mostra uma reação violenta e generalizada contra os avanços feministas.

|Zuleica| Hoje em dia, nem falo mais que sou feminista, já estou no clube das "femistas", porque acredito que, em momentos extremos como este, temos que demarcar bem nosso local e nossa posição. E acho que estamos realmente passando por um momento extremo nessa luta. Não por escolha, mas acredito que nossas conquistas são fruto da nossa luta. Quando estamos numa posição de vantagem, lutamos para mantê-



la, mas nós, mulheres, estamos em desvantagem desde sempre. Então, nossa força e dedicação à luta são muito maiores. E o que estamos vivendo agora é fruto de cem anos de luta. Acho até positivo ver uma reação tão marcada e forte de um grupo de homens, porque isso significa que tivemos um avanço que está incomodando. A sociedade caminha dessa forma.

As situações de violência e injustiça são tão visíveis que, quando as pessoas encontram uma explicação dizendo que está errado, é como se estivessem dando voz a um sentimento já presente. Nosso trabalho é um pouco isso, dar argumentos. Dizer: "Olha, isso é um absurdo. Você trabalha, é tão inteligente quanto os outros, trabalha para caramba." Essa é a verdade. Acho que essa consciência as mulheres já têm.

|Zuleica| Exatamente.

Acho que é por aí. Vejo, por exemplo, em situações médicas. Tive uma experiência médica e percebi como os médicos têm um status elevado, entram, dizem "oi" e saem, enquanto as enfermeiras seguram a onda. É claramente uma questão de classe. Os médicos, especialmente aqueles de hospitais como o Einstein, têm um tratamento diferenciado, enquanto as enfermeiras não. E a maior parte deles é da direita porque querem manter seu privilégio de classe.

|Zuleica| Somos todos professores aqui, né? Eu penso que é nosso papel educar essa geração que está vindo por aí. Situações que há 20 anos não eram normais, mas foram aceitas pela sociedade, hoje em dia podem resultar em cadeia para os meninos. Vemos o caso do Daniel Alves, por exemplo, que é emblemático. Há 10, 15 anos seria impensável ver uma figura tão conhecida ser presa por estupro, porque a culpa sempre recaía sobre a mulher. Sempre. Diziam: "Ah, mas ela deixou, permitiu, foi lá." E esta moça aqui no Brasil que foi estuprada por 11 policiais? "Ah, mas ela foi na festa porque quis." Peraí, então eu, mulher, não tenho direito de ir a um bar sozinha? Tenho que ter o direito de sair de casa sozinha com a segurança de voltar viva para minha casa. Quando vemos essa mudança, entendemos que é fruto de muita luta, não é de um dia para o outro. A legislação vem de cima, e demora um tempo para virar cultura, para que as pessoas entendam que algo mudou e que



há uma consequência grave se aquilo voltar a acontecer. Acho que nossa função agora é educar esses meninos que estão aí.

Pensa só o seguinte, na minha geração uma menina pobre era estuprada, ficava grávida e na hora que ela ia dizer pro juiz, às vezes com a criança que era a cara do pai, chegavam não sei quantos amigos que diziam todos tinham transado com ela....

|Zuleica| E ninguém acreditava nela, né, e tem toda a questão da revitimização.

É. Eu sempre digo que duas coisas foram fundamentais para emancipação da mulher: trabalho remunerado, porque trabalho mesmo sempre teve, trabalho remunerado e o contraceptivo, e depois o DNA. Você veja a quantidade de crianças dos políticos que foram registrados. O Quércia que tinha filho registrado, o Collor... não sei mais quem, não sei quantas, porque iam tendo filho e tudo bem. Então assim, a gente conta também com a ciência. Foi a pílula que deu a mulher o poder de regular a sua fertilidade e depois o DNA .

|Zuleica| Que de alguma maneira responsabiliza o agressor.

Você pode não querer se relacionar com o pai, mas se você for atrás, a criança tem o direito. Com certeza, é uma longa luta.

|Zuleica| Infelizmente! Mas eu fico feliz de ver, porque eu acho que a reação de alguns seguimentos da nossa sociedade é do tamanho da luta.

Eu acho que uma das poucas coisas que dá uma sensação de realização é ver o avanço das mulheres se consolidando. Tanta coisa foi para trás, politicamente falando, mas os avanços das mulheres estão se consolidando. Sinto que hoje, minhas netas têm uma condição de autonomia muito maior do que eu tive. Minha mãe, então, nem se fala. Isso é algo positivo. Não é só levar porrada e dizer: "Puxa, acabou isso, acabou aquilo, não tem mais isso." O movimento está cheio de desafios, mas há que ter esperança! **| FIM |**

São Paulo, 05 fev.2024.

